

# Educadores ambientais, formação e trabalho em debate

## Environmental educators, training and work in debate

*Cláudia Lino Piccinini*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
*clpiccinini@gmail.com*

### Resumo

O objetivo da pesquisa foi compreender as trajetórias formativas e do mundo do trabalho de uma categoria profissional reconhecida como *educadores ambientais*. Analisamos, sob a visão teórica marxista, 22 memoriais. Concluiu-se que há diversidade de espaços-tempo de acesso ao 'ambiental'. Verifica-se o relato de uma grande variedade de atividades profissionais, direcionadas a públicos diversos, mas submetidas às estruturas alienantes e precarizadas do mundo do trabalho no capitalismo. O aumento da qualificação significa a ampliação dos *loci*, das funções e do tempo consumido pelo trabalho. Existe um registro discursivo dominante que tende a desconhecer os limites da educação para a transformação socioambiental. Considera-se que o processo de profissionalização está marcado pelos históricos embates e dualismos do campo e que revelam aspectos contraditórios da formação e do exercício da EA em uma perspectiva socioambiental crítica.

**Palavras-chave:** memoriais, formação profissional, trabalho docente.

### Abstract

The objective of this research was to understand the educational and trajectories of the working world of a professional group recognized as environmental educators. Analyzed under the marxist theoretical view, 22 memorials. It was concluded that there are different space-time access to 'environmental'. There is an account of a wide variety of professional activities, aimed at different audiences, but subject to the alienating structures and precarious world of work in capitalism. The increase of the qualification means that enlargement of loci, functions and time-consuming work. There is a record that dominant discourse tends to ignore the limits of education for social and environmental transformation. It is considered that the professionalization process is marked by historical conflicts and dualities of the field that reveal contradictory aspects of training and practice of EA in a critical socio-environmental perspective.

**Key words:** memorials, vocational training, teaching.

## Introdução

Com o objetivo de compreender as escolhas e caminhos percorridos por educadores ambientais, estudamos autores de trabalhos apresentados em diversos Congressos de Educação Ambiental ou que incluem o campo. Investigamos, a partir de suas memórias, que nos foram enviadas após solicitação direta a cada autor, o universo do seu acesso ao campo ambiental, desde a sua formação inicial até a diversidade de campos de atuação profissional. A questão central de investigação foi: **Como educadores ambientais traçaram seus caminhos de formação e de atuação profissional?**

Partimos da premissa que esses educadores não teriam tido a oportunidade de vivenciar uma formação acadêmica específica em Educação Ambiental (EA). Além disso, acompanhamos o pensamento de autores, como Carvalho, que afirma:

*“Os acessos em direção ao ambiental são múltiplos e passam por diferentes caminhos (...) fazer EA não garante uma identidade pacífica de educador ambiental, ou pelo menos construída com certa homogeneidade, como se poderia supor em outros campos mais consolidados. Ser educador ambiental é algo definido sempre provisoriamente (...)”* (CARVALHO, 2005, p.58).

Na pesquisa, realizada entre os anos de 2007-2009, penetramos no universo de formação de educadores ambientais que nos ajudaram a compreender a gênese deste corpo profissional. Também nos propusemos a mapear e discutir seus percursos e práticas de atuação no universo do trabalho através da análise de suas memórias, já produzidas e utilizadas como apresentação de suas trajetórias profissionais.

Partimos do pressuposto que tanto a formação quanto o trabalho são categorias que se conectam para uma visão ampla da realidade concreta. Sabemos também que as relações de formação e trabalho estão submetidas às bases econômicas que, no capitalismo dependente, estabelecem uma realidade de flexibilização e de ampla precarização do trabalho em geral. Nesse sentido, nossa visão sobre formação e trabalho se apóia na categoria de “capitalismo dependente” (FERNANDES, 1975) por compreendermos que encontramos-nos ainda nesta fase de desenvolvimento do modelo econômico. Na perspectiva histórica e de classes, a despeito do discurso neodesenvolvimentista, acreditamos que a aceleração do crescimento no Brasil tem-nos alçado à condição de país emergente e, portanto, subsidiado por um “outro” mundo do trabalho que nos interessa estudar.

## O aporte teórico-metodológico

Investigamos, sob a perspectiva do materialismo histórico de Marx (1982, 2001 e 2005) e de Marx e Engels (2006, 2007), o mundo do trabalho na contemporaneidade e lançamos mão da perspectiva gramsciana (1995, 2004a, 2004b) para pensar estes educadores como intelectuais. Estudos recentes sobre a formação em EA (CARVALHO, 2002, 2004, 2005; GUERRA E ORSI, 2008; GUIMARÃES, 2004; SILVA, 2008) ajudaram a problematizar as questões centrais que emergem do texto dos memoriais, fonte dos dados da pesquisa.

Sob a orientação da teoria enunciativa de Bakhtin (1986, 2003) obteve-se do texto memorialístico mais do que uma simples interpretação das narrativas dos acontecimentos e das idéias. Foi possível se relacionarem também as diversas trajetórias e ir além dos “não-ditos”, pôde-se compartilhar da interação entre sujeitos e entre textos distintos que se

tornaram texto coletivo a partir de um olhar exotópico, olhar que nos ajuda a construir a complexa relação pesquisador-pesquisado, isto é, pensar em que termos se dará esta interação, tendo em mente que

*“Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.” (BAKHTIN, 2003, p.23).*

Partindo de problemáticas atuais do campo da Educação Ambiental (EA), sua institucionalização e a profissionalização dos quadros que atuam neste campo e, considerando que a EA está prevista na legislação nacional em todos os níveis e modalidades de ensino, destacaram-se questões sobre o processo de sua incorporação ao longo dos últimos anos no Brasil. Como estaria a formação dos profissionais de nível superior e o trabalho dos diversos atores que atuam na sociedade com a EA?

Para delimitar o grupo de educadores ambientais partiu-se de um perfil inicial:

- a participação no desenvolvimento de trabalhos de educação ambiental;
- o exercício em algum tipo de atividade docente;
- a contribuição na produção de pesquisas no campo da EA;
- possuir um memorial pronto.

O perfil buscou selecionar profissionais inseridos em um processo coletivo de reflexão sobre sua prática, daí o interesse por personagens que, em exercício docente, também estivessem de alguma produzindo conhecimento no campo.

Ao selecionarmos educadores participantes de encontros da área de EA, como o 5º IBEROEA (2008) e os Encontros de Pesquisa em EA – EPEA, assim como encontros que incluem a área, - 29ª Reunião Anual da ANPED (2005) e os Encontros Regionais de Ensino de Biologia/EREBIO (2001, 2003 e 2005) -, esperávamos encontrar profissionais que atendessem ao perfil acima e que também tivessem memoriais prontos, já elaborados, pois havia o conhecimento das dificuldades concretas de produção de tal documentação. Além do mais, não intencionávamos uma produção “especial” para esta pesquisa, o que poderia se constituir como uma interferência significativa na redação dos registros. Feita a seleção, o *corpus* da pesquisa totalizou 22 memoriais recebidos a partir de contato por meio eletrônico (e-mails).

## **O diálogo com as fontes**

Na perspectiva bakhtiniana o memorial não se constitui como um texto fechado em si mesmo, mas como uma narrativa que dialoga internamente e externamente com a realidade ao seu redor e que é capaz de: estabelecer o equilíbrio entre particularidades individuais e o sistema social mais amplo; apontar a memória seletiva dos informantes; o caráter simbólico que se faz presente na representação da profissão; as lembranças autodefinidoras que respondem à indagação sobre quem somos.

Também no ato de ler e interpretar a memória alheia é possível se pensar no confronto autor/leitor e a distância pesquisador/pesquisado; nas singularidades dos documentos estudados; no desafio de resgatar a auto-imagem do narrador e de trabalhar com diversos tipos de realidade; e de pensar que a memória está em evolução permanente.

A pesquisa fundamentou-se em duas faces indistintas e complementares. A primeira penetrou no universo de formação de educadores ambientais que trazem contribuições para compreender os caminhos e opções rumo à gênese de um corpo profissional – o educador ambiental. A segunda se propôs a analisar percursos e práticas de atuação destes profissionais que, constituídos também no universo do trabalho, se propõem à tarefa de transformação socioambiental. Tanto a formação quanto o trabalho foram compreendidos como categorias gerais para uma visão ampla da realidade concreta.

Ao discutir a categoria trabalho, neste modelo, pretendíamos conhecer as bases das relações de produção que condicionam a formação e o trabalho de educador ambiental nas suas várias possibilidades e que diretamente conformam a sociedade onde se inserem. Consideramos que o acirramento das relações de produção no universo do trabalho tem alterado a vida social, política e espiritual dos trabalhadores. Consideramos que o acirramento das relações de produção no universo do trabalho tem alterado a vida social, política e espiritual dos trabalhadores. Assim sendo, o que deveria fundamentar a humanidade, a realização intelectual e a consciência, se transforma naquilo que Marx denominou de 'trabalho alienado' (MARX, 2005). Imerso no capitalismo o trabalhador frequentemente não se satisfaz no trabalho, mas se degrada; não se reconhece, mas muitas vezes se recusa e se desumaniza no trabalho (ANTUNES, 2000).

A partir do diálogo com os memoriais e da constituição de uma visão de entrecruzamento entre essas narrativas, resultando na compreensão abrangente do universo estudado, foi possível problematizar as rotas de formação dos educadores ambientais e a constituição de um grupo sócio-profissional. Isso aconteceu quando foram analisadas informações como: (i) o percurso de entrada na carreira, as escolhas e ações de ingresso na formação inicial, na pós-graduação e no mundo do trabalho, (ii) os *loci* de atuação; (iii) a prática política e a função assumida no grupo; (iv) os seus interlocutores no processo de profissionalização; (v) o projeto de sociedade que buscavam alcançar; (vi) as concepções que iam sendo reveladas sobre educação/EA; e sobre ser educador ambiental.

Também foi possível verificar e analisar o seguinte: o aparecimento das contradições e críticas aos problemas vivenciados em seus cotidianos de ação, principalmente em relação à formação inicial; os limites das ações de trabalho com a EA; a relação teoria e prática; as limitações e avanços ao longo do próprio processo formativo; as dificuldades de atingir os ditos “princípios da EA”; e as contradições implicadas na relação trabalho e formação. Por fim, retomou-se a visão de totalidade sobre o conjunto das memórias para alcançar os resultados da investigação.

## Resultados e discussão

A característica primeira dessas trajetórias é a diversidade de espaços-tempo de acesso ao 'ambiental', que vão desde uma motivação inicial na infância, passando pelas opções possíveis durante e após a graduação até as iniciativas para lidar com as exigências do mundo do trabalho. As trajetórias mostram que:

- Qualquer área da formação inicial pode levar à EA, sendo, nos casos investigados as Ciências Biológicas prevalentes na formação inicial e a Educação na pós-graduação *stricto sensu* – mestrado e doutorado;
- A pós-graduação *lato sensu* não é a escolha mais significativa. O mestrado é a unanimidade em termos de ampliação da qualificação;

- Há forte relação entre as dissertações do mestrado e os problemas do cotidiano do trabalho, onde a pós-graduação assume o papel de dar conta da melhor compreensão da realidade apresentada pelo mundo do trabalho;
- A pós-graduação também surge como forma de suprir as carências de uma formação inicial considerada como insuficiente pela grande maioria dos sujeitos da pesquisa;
- O aumento da qualificação significou a ampliação dos *loci*, das funções e do tempo consumido pelo trabalho;
- Há apenas uma referência à militância político-partidária, assim como uma única referência à atuação no movimento sindical. A participação no movimento estudantil foi lembrada apenas na formação inicial;
- Verificou-se o relato de uma grande variedade de atividades profissionais, direcionadas a públicos diversos, mas submetidas às estruturas alienantes e precarizadas<sup>1</sup> do mundo do trabalho no capitalismo;
- O trabalho em ONGs e nas universidades (como docentes substitutos) são exemplos recorrentes das condições adversas do mercado de trabalho com a EA;
- Existe um registro discursivo dominante que desconhece os limites do trabalho da educação (na grande maioria dos memoriais) e da própria EA.

Além dos destaques acima é importante verificar que em alguns momentos as narrativas apontam o caráter não estritamente acadêmico das experiências que motivaram a construção de uma vinculação entre educação e ambiente. São experiências que se conectam às memórias da infância, da família, da escola/professores e de desejos preservacionistas que mais parecem se estabelecer como um ideal voluntarista ou ainda, como descreve Kosik em “A dialética do concreto” (1976), como uma expressão de sua *preocupação* (p.69).

A “preocupação” está relacionada, no início das memórias, com a conservação da natureza, com uma vinculação a *atividade pura do indivíduo social isolado* (idem, p.71) capaz de transformar o conflito em um *contrato natural* (SERRES, 1991).

Mais adiante, nessas mesmas e em outras memórias, a visão de EA está vinculada com a “preocupação” de conscientizar o educando para a necessidade de outro entendimento da relação homem-natureza. Mas esta “preocupação” permanece alienada da práxis cotidiana de alguns sujeitos da pesquisa. Já em outros será transposta para uma dimensão operacional, isto é, de ação, com a realização experiências que buscam a transformação concreta da sociedade, estabelecendo-se aí na práxis e em novos nexos em relação às representações de homem-natureza.

Os motivos que levaram à carreira são diversos, a saber: tornar-se cientista, ser educadora, ser bióloga, ser ecóloga ou pedagoga, mas tendo a “preocupação” com a realidade social – *a fome, a destruição da natureza, os pobres e necessitados, a educação do país*.

A intenção de poder mudar o próprio rumo e o mundo através do conhecimento e da educação se relaciona à idéia de busca de um ideal que se consolida através da construção de uma tradição ideológica (GRAMSCI, 2004a), muito presente entre os educadores ambientais (CARVALHO, 2002; GUIMARÃES, 2004) e que, neste ponto do diálogo reflete, através dos argumentos apresentados, a busca de um objetivo comum, onde a educação se apresenta como um recurso necessário para a melhoria da sociedade e para a superação da crise socioambiental.

---

<sup>1</sup> O conceito de *precarização*, foco de disputas dentre os estudiosos do trabalho (LEITE, 2008), reflete a deterioração das condições de trabalho que afeta a toda a classe trabalhadora, evidenciando uma nova gestão sobre a força de trabalho, identificada pela diminuição da remuneração (ou sua imprevisibilidade), pela divisão dos trabalhadores (temporários, prestadores de serviços, subcontratados...) e por outras mudanças nas jornadas de trabalho.

Porém, se esta perspectiva acentua o papel do profissional educador, por outro lado reflete o que Sacristán (1999) denomina de “*ocultação ideológica*” (p.64), de caráter consciente ou não, das reais condições dessa prática, o que redundará na “*hiper-responsabilização*” (idem) atribuída aos docentes pela sociedade e, algumas vezes introjetada e assumida como verdade pelos mesmos.

Há um idealismo que se manterá presente nas vozes destes educadores e que limitam suas narrativas quando conectadas à realidade.

Na formação inicial a profissionalização não está unicamente voltada para a formação do professor (nem, muito menos, para a de educador ambiental). Ela é, geralmente, posta em segundo plano quando há concomitância entre o bacharelado e a licenciatura.

Surpreendeu-nos positivamente que os educadores em formação, sabedores das falhas em sua formação inicial, passassem à criação de alternativas formativas que, em alguns casos, configuraram grupos independentes de estudo ou de estudo/ação socioambiental e até mesmo, a independência dos grupos institucionalizados para levarem à frente seus projetos, mesmo após a retirada do apoio financeiro da universidade. Tais iniciativas consolidam a idéia, muitas vezes presente somente no discurso universitário, de indissociabilidade – ensino, pesquisa e extensão.

Constatamos que em treze memoriais, dentre os 22 analisados, o contato e a formação inicial no campo da EA não se darão através do currículo disciplinar, das tradicionais “cadeiras” acadêmicas, e, sim, pela via da pesquisa e da extensão. Em dois casos analisados verifica-se que esta inserção na EA foi fruto de interesses e iniciativas de grupos de estudantes, de forma independente do já sedimentado currículo universitário e da orientação docente. Em outros casos, a participação em trabalhos de pesquisa em EA é reconhecidamente um dos componentes essenciais da formação. Dentro do amplo universo de pesquisas desenvolvidas, destacou-se em vários textos a necessidade de aproximação, por exemplo, através do uso de metodologias qualitativas, das comunidades apontadas pelos memorialistas (escolar, universitária, ameaçadas por disputas econômicas etc.) e a realização de diagnósticos para conhecer suas realidades e as demandas sociais delas provenientes. Esta aproximação, entendida como interlocução, é destacada pelos nossos sujeitos e reforça a discussão sobre a articulação entre teoria e prática e também sobre a necessidade da EA gerar ações de intervenção socioambiental, que em algumas trajetórias se materializou através de articulações e do trabalho realizado em organizações não-governamentais.

A extensão universitária aproxima-se do trabalho de pesquisa por se constituir como um coletivo diversificado (alunos da graduação, da pós, comunidade, professores e pesquisadores de diversas áreas), por oportunizar um aprofundamento de temáticas exógenas ao currículo e por estimular projetos de fim de curso. Projetos de extensão fizeram também conexão com a formação em licenciatura ao permitir uma aproximação diferenciada com a escola pública. Novas descobertas, novos olhares e possibilidades constituem os ganhos com o processo formativo via extensão universitária sem, no entanto, impedir outras críticas ao modelo tradicional da universidade pública.

A chegada à escola através da Prática de Ensino (licenciaturas) estabelece contato com a realidade socioambiental através de experiências de ensino. Amplia-se a compreensão das demandas desse *locus* de ação e os distanciamentos impostos pela formação do bacharel. De certa forma, é neste sentido que se dá a continuidade e a ampliação das experiências formativas vindas da pesquisa, da extensão e das disciplinas acadêmicas, pois já dispõem de uma bagagem de conhecimentos e de um repertório de dúvidas e argumentos que os impulsiona. Ao mesmo tempo é neste momento da formação que se abrem possibilidades de estabelecerem uma crítica sobre o trabalho desenvolvido.

A formação inicial avaliada como incompleta e pouco motivadora foi caracterizada por um dos sujeitos da pesquisa por seu “*isolamento teórico e vazio epistemológico*”. Entretanto, esta

não constitui crítica isolada de um sujeito, mas são críticas recorrentes e importantes para compreendermos o que foi o processo formativo desses educadores ambientais e os desafios enfrentados desde as primeiras escolhas de ingresso na carreira.

Enquanto para alguns educadores os cursos de especialização ou de curta duração servem para reintegrá-los aos estudos e à vida acadêmica, para outros o mestrado parece ser o caminho convencional almejado após a graduação, um caminho trilhado no intuito de apropriação de conhecimentos e práticas da EA não alcançadas na graduação.

A partir da análise do *corpus* desta investigação pode-se concluir que a formação do educador é um processo com continuidades, mas também com mudanças. Nesse processo, iniciar a graduação, exercer o ofício, retornar aos estudos pela pós-graduação, alçar novos aspectos da profissionalização, todos são marcos importantes, que se somam e constituem a história da trajetória do educador. As bases que fundam estas histórias de vida são muitas: as relações sociais, os conhecimentos sobre a área e sobre o trabalho docente, as ações cotidianas da atividade prática, as marcas, os princípios e valores, as ações políticas, dentre outras.

As narrativas da história profissional nos levam a percorrer espaços e ações do ‘educar ambientalmente’. Não são experiências isoladas mas processos que se interligam ou que ocorrem simultaneamente e, portanto, se auto-constituem e prosseguem sofrendo alterações. Nesse sentido é que entendemos a profissionalização nas diversas experiências do universo pessoal e profissional; no entrelace da pesquisa, extensão, licenciatura, pós-graduação e do trabalho. Há uma grande diversidade de articulações.

No diálogo estabelecido com as fontes verifica-se que o *locus* privilegiado de trabalho destes educadores ambientais é a educação formal, tanto na escola como na universidade. Mas há também em menor frequência o relato de ações em espaços outros, de educação não-formal, como no museu, nos parques e no Jardim Botânico, em Centros de Educação Ambiental (CEAs) e Núcleos de Educação Ambiental (NEAs) e mesmo em outros espaços da vida cotidiana. Nesses locais ocorre a interação com uma grande diversidade de atores: os escolares, as comunidades em geral e as populações tradicionais ligadas às unidades de conservação; também com os sindicatos de trabalhadores, empresas e ambientalistas, para citar alguns desses atores.

A análise apontou que o processo de profissionalização está marcado pelos históricos embates da EA, por exemplo, de articulação entre campos - multidisciplinar/ interdisciplinar/ transdisciplinar; do discurso teórico/ da prática; da graduação/ da pós-graduação; de perspectiva crítica/tradicional. Nossa análise também revelou aspectos muitas vezes contraditórios e inovadores da formação de educadores e do exercício da EA, no sentido já apontado por autores como Carvalho (2005, p.59):

*“Pode-se atuar profissionalmente de diversas maneiras e a partir de diversas especializações, dentro do campo ambiental, e fazer EA pode ser uma opção, entre outras, ou simultaneamente a outros fazeres ambientais. Neste contexto, as atuações profissionais no campo ambiental, excluindo-se aquelas que exigem alta especialização técnica, tendem a favorecer o trânsito e mesmo a invenção de novas modalidades e perfis profissionais”.*

Além disso, a realidade multifacetada demonstra a necessidade de articulação do trabalho entre distintas áreas do conhecimento tanto para a compreensão quanto para as interferências que visem à transformação da realidade socioambiental. Exige domínio e articulação de estratégias de investigação e de informação; exige a inserção em diferentes espaços sociais e a compreensão do mundo/linguagem do outro; pressupõe a horizontalidade de saberes e a capacidade de somar e articular diferenças no trabalho coletivo. Enfim, é evitando

reduccionismos, mas considerando a articulação das diferentes dimensões do campo ambiental (sócio-históricas, biológicas, culturais, econômicas e políticas), que o educador poderá realizar ações que transcendam a dicotomia homem-natureza (alienação).

## Concluindo

*É preciso reconhecer que só a educação, quer tenha ela o adjetivo “ambiental” ou não, não será suficiente para dar conta dos complexos problemas que nos desafiam neste final de século. Reconhecer os limites da educação é uma necessidade que se relaciona, entre outras coisas, com o fato de haver hoje, mais do que nunca, uma tendência em se dividir desigualmente os problemas “ambientais” e que embora uma mudança nas idéias possa gerar uma mudança nas condições materiais, só o mundo das idéias é insuficiente para concretizar determinadas mudanças materiais.*

Paula Brügger (1994)

Na visão gramsciana, o trabalho intelectual é contraditório com a lógica imposta pelo capital, pela divisão social do trabalho. Seu tempo é diferenciado, seus objetivos são outros, o compromisso é com a superação da ordem, com o inconformismo. Nesse sentido, estamos pouco convencidas de que aos moldes da formação e do trabalho desenvolvido pelos educadores ambientais estudados - restritos à universidade, presos às rotinas das atividades produtivas e sujeitos à alienação da vida cotidiana – eles possam efetivamente contribuir para mudanças sistêmicas, de caráter amplo na sociedade atual.

A precarização da carreira dos educadores ambientais, principalmente dos que se dedicam à educação básica, sugere o que também tem sido averiguado em estudos diversos sobre o trabalho docente (LEITÃO DE SOUZA, 2008) e apontado através de dados das agências governamentais (BRASIL, 2008), qual seja, os baixos salários e sua consequência: o abandono da carreira docente neste grau de ensino.

Nos dados de nossa pesquisa, destaca-se a significativa migração da educação básica para o ensino superior, ou ainda, para outros postos de trabalho no serviço público. Revela-se que em relação ao campo da EA este se encontra “*inevitavelmente atravessado pelas várias injunções, deslocamentos, tensões e contradições que caracterizam o fazer profissional (...)*” (CARVALHO, 2005, p.54) na atualidade.

É central supor que ao pensarmos sobre a formação da nova geração de educadores ambientais tenhamos em mente a noção do papel que estes educadores, entendidos como intelectuais, possam ter no enfrentamento às barreiras que dificultam a EA de se consolidar como uma esfera contra-hegemônica.

O pensamento de Marx e Gramsci ajudou a analisar e compreender os limites e as possibilidades formativas e de trabalho dos educadores ambientais. Longe de ser uma generalização, os autores dos memoriais nos indicam caminhos possíveis para se repensar a formação dos educadores ambientais na universidade. Para Duarte (2006), a formação do educador crítico implica em “*uma luta intensa e persistente para a elevação da consciência*” (p.104) entendida como crítica à própria concepção de mundo. O autor reconhece que tanto o Ensino Superior, quanto a pós-graduação não opõem resistência ao processo de alienação da vida cotidiana e, portanto, às condições das instituições formativas. Isto porque elas não “*são propícias à formação do intelectual crítico, seja do ponto de vista das condições objetivas,*

*seja do ponto de vista das condições subjetivas*” (idem, p.105) não alcançando o intento de formar educadores cuja tarefa seja assumir o comando intelectual de seus espaços de atuação, através da construção, organização e educação permanente, tornando-os espaços de atuação política.

Conclui-se que os espaços de formação necessitam assumir, verdadeiramente, a lógica de contestação da EA, isto é, de crítica ao modelo socioambiental vigente, de conexão com as lutas dos subalternos, de construção de conhecimentos e de práticas contra-hegemônicas, que apostem no trabalho coletivo. Seria necessário que nos espaços de trabalho os educadores ambientais também lutassem para a resolução dos conflitos socioambientais, para a elevação de sua própria consciência histórica e do grupo ao qual pertencem (GRAMSCI, 2004a).

## Referências

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. (VOLOCHÍNOV, V.N.) **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3a ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.
- BRASIL. **Os diferentes matizes da Educação Ambiental: 1997- 2007**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2008. (Série Desafios da Educação Ambiental).
- BRÜGGER, Paula **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.
- CARVALHO, Isabel C. de Moura. **A Invenção Ecológica: Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. IN: SATO, Michele e CARVALHO, Isabel C. M. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005, pp.51-63.
- DUARTE, Newton. A pesquisa e a formação de intelectuais na Pós-graduação em Educação. IN: **Perspectiva**, Florianópolis, v.24, n.1, p.89-110, jan/jun. 2006.
- FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GRAMSCI, Antonio **Cadernos do cárcere**, volume 1, 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004 (a).
- \_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere**, volume 2, 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004 (b).
- \_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GUERRA, Antonio F. S. e ORSI, Raquel F.M. Tendências, abordagens e caminhos trilhados no processo de formação continuada em Educação Ambiental. IN: **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental**. Vol. Especial, dez. de 2008.
- GUIMARÃES, Mauro. **A formação de Educadores Ambientais**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEITÃO DE SOUZA, Antonio L. Organização, resistência e profissionalização do (a) trabalhador (a) docente frente aos novos marcos regulatórios da política educacional no Brasil. IN: **VII Seminário REDESTRADO - Nuevas regulaciones en América Latina**. Buenos Aires, julho de 2008.

- LEITE, Marcia de Paula. O trabalho e suas configurações, conceitos e realidades. In: **32º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, outubro de 2008.
- MARX, Karl **O capital**. Vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Crítica ao Programa de Gotha**. Disponível em: [C:/site/livros\\_gratis/gotha.htm](C:/site/livros_gratis/gotha.htm) Acesso em: 22/07/2001.
- \_\_\_\_\_. **Manuscrtos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br> Acesso em: 25/05/2006.
- \_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SACRITÁN, J. Gimeno. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. IN: NÓVOA, A. (org.) **Profissão professor**. Porto-Portugal, Porto Editora, 1999, pp.63-92.
- SERRES, Michel. **O Contrato Natural**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.
- SILVA, Fábio Alves L. da. **A formação do (a) educador (a) ambiental nos programas de pós-graduação lato sensu das instituições de ensino superior do estado do Rio de Janeiro: uma análise crítica**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, UFRJ (Dissertação de Mestrado), 2008, 163p.